

Viviam do corpo delas

que os homens, pescadores, saem muito. As mulheres é que ficam à cabeceira da mesa. *Inês Nadais*



à cabeceira da mesa (ainda não dissemos, mas o marido de Maria da Graça é pescador: seria estranho se "o apocalipse dos trabalhadores" se passasse em Bragança, mas nós sabemos que "o apocalipse dos trabalhadores" se passa nas Caxinas); há um marido a mais naquela sala de jantar.

Beatriz (está há 20 anos com Deolinda na primeira banca de peixe, do lado esquerdo de quem entra no mercado das Caxinas) habituou-se a estar sozinha com as três filhas antes de o marido morrer, no Mar da Irlanda, há 17 anos. Não quis casar outra vez: "Lá vêm momentos em que me lembro dele, mas estou bem. De tão habituada a estar sozinha, às tantas a gente já nem sabe estar com ninguém. Tive um primo que tentou, mas não adianta. Todos os dias me junto com a minha filha de Vila do Conde e a minha filha da Póvoa, ao domingo a de Braga também aparece e estamos as três. Uma também está casada com um pescador que passa seis meses seguidos em Espanha, tem uma vida amargurada. Outra tem o marido na Suíça, no alcatrão".

Isso não as mata: engorda-as. As mulheres das Caxinas fizeram-se fortes. "Somos mais rústicas, mais duras. Ficámos com mais força nos braços de andar ao sargaço e com mais força nas pernas de andar no mar", diz Dolores Arreiro, vizinha da frente de Deolinda e Beatriz no mercado das Caxinas. Andou na escola até à quarta classe, mas foi "criada no meio do peixe": o pai andava no bacalhau quando adoeceu, aos 27 anos. "Veio doente do [navio-hospital] Gil Eannes, com aquela doença típica aqui das Caxinas [a paramiloidose, ou doença dos pezinhos], e tivemos todos que ir trabalhar. A minha mãe ficou com cinco filhos e um homem doente, não havia volta a dar". O marido morreu há dois anos - também tem o retrato dele ao peito - mas antes disso já era raro tê-lo a jantar. "Estava sempre sozinha, com os filhos, e lá me juntava com a minha mãe e as minhas irmãs ao fim-de-semana, a conversar, a fazer croché, a fazer malha. A gente faz muito croché e muita malha".

Mulheres de preto a fazer croché em cadeiras de plástico à porta de casa, a estender roupa no baldio em frente à praia, a esfregar os terraços do Bairro dos Pescadores, a empurrar carrinhos-de-bebê, a falar mal dos homens (com outras mulheres): podíamos andar dias e dias pelas Caxinas e não ver mais nada. Ocupam o espaço todo (até nos livros de valter hugo mãe, que foi para ali morar quando tinha nove anos): "Por razões sociológicas, a mulher das Caxinas ocupa desde há muito o lugar de gestora da casa e da família. Até há três décadas, os homens daqui iam todos para a pesca do bacalhau, ausentando-se por períodos de seis meses. Como não estavam cá, não podiam tratar da governação da casa, nem das questões com as finanças, a autarquia, os tribunais, os serviços centrais. Elas foram sendo requisitadas para ocupar esse espaço - e o espaço doméstico

também. É por isso que digo, em gíria, que temos aqui muitos órfãos de pai", explica o padre Domingos, que está nas Caxinas há 32 anos. O bacalhau acabou mas a pesca de longo curso não: na verdade, recomeçou. "Grande parte dos jovens embarca para a pesca de longo curso, uma vez que a pesca artesanal atravessa uma profunda crise e, como paga mal, emprega sobretudo ucranianos. Os nossos emigram e passam três, quatro meses embarcados. Voltamos a ter famílias em que só há mulheres e filhos. Apercebo-me disso na visita pascal: tenho de ter cuidado para distinguir as viúvas das raparigas recém-casadas que têm os maridos no estrangeiro, porque nesse dia também vestem de escuro para marcar a ausência", continua. Mesmo os pescadores que não se afastaram muito ("Os barcos das Caxinas espalharam-se daqui até à Fuzeta, é curioso") só estão em casa ao fim-de-semana: "São maridos e pais ausentes. Não estão estruturalmente comprometidos com a educação dos filhos e, como passam muito tempo fora, quando chegam continuam a alhear-se disso. Mesmo quando o homem regressa definitivamente a casa, a mulher continua a ser dominante, porque o caxineiro reformado vive muito a comunidade mas vive pouco a família de sangue. São os homens que descansam, que convivem, que jogam às cartas e ao dominó, que vão às tascas, que aparecem nos cafés". Na missa, também, eventualmente: "Mesmo à semana, nunca temos menos de 400 pessoas". Alguns hão de ser homens.

A ver os turistas passar

Elas têm a vida delas - uma vida em que são elas que mandam, garante Margarida Marques Torres, a "Maciel" (78 anos, todos de preto por um filho que morreu novo, "canceroso", e pelo marido, que "morreu de desgosto"). Encontramo-la no armazém, a amañhar redes, uma das centenas de coisas que já fez na vida: "À noite, isto sempre foi uma terra de muitas mulheres e poucos homens. Em 1959, o meu marido, que já tinha andado no bacalhau, embarcou para a Beira, em Moçambique. Ao fim de quatro anos, disse-lhe que ele não ia mais e vendi a parte dele por 72 contos, que era muito dinheiro. Passei quatro Natais e quatro Páscoas sem ele. Das primeiras vezes, quando ele vinha, confesso que não me importava que ele fosse outra vez. Mas a certa altura percebi que tinha passado a minha mocidade aqui sozinha e mandei-o ficar". Ele ficou: "Em minha casa não cantava galo, cantava galinha. Toda a minha vida

Por saírem muito, os homens nunca chegam a ocupar lugar nas Caxinas: eles mandam no mar, mas elas mandam em terra



fui o homem da casa. O meu marido esteve quatro anos em África e eu não comi nada dele. Andávamos ao sargaço, ao fim do dia trazíamos 20 escudos, comíamos o que ganhávamos porque não podíamos ficar à espera do que eles traziam". É a Maria da Graça que diz, mas podia ser a Margarida: "Por mim estava ainda a ganhar a vida, não sou mulher de fugir a nada".

Mesmo as que são - mais à frente, no Bairro dos Pescadores, Alzira de Jesus lembra-se de fugir para a igreja e de dormir na casa dos vizinhos, porque o pai era "muito bêbado" - suportam o difícil "até um ponto de exagero assinalável", como a personagem principal de "o apocalipse dos trabalhadores", e depois sentam-se ao sol "a ver os turistas passar com as calças na regada": "Gostamos de ver quem tem a perna mais grossa, a bochecha mais gorda", anuncia Maria das Dolores (ao lado, Zulmira, anuncia que o marido "só pára na cama depois de beber as garrafas todas" e que tem sete filhos, todos toxicodependentes: a pobreza já não é tão violenta, mas continua a ser uma desgraça), que podia ser

Quitéria, a melhor amiga da Maria da Graça, se andasse entusiasmada com um ucraniano.

Gina do Pião anda entusiasmada com a vida que tem agora. "Não tenho saudades nenhuma do tempo antigo: era uma escravidão. Trabalhei muito. Vínhamos para a praia apanhar sargaço e quando a fábrica tinha peixe apitava e ia-se trabalhar. Chegava a sair da fábrica de manhã, era o tempo de tomar um banho para estar na missa das 7h. Agora levanto-me, tomo o pequeno-almoço, vou dar uma volta até ao castelo, faço o comer, tomo um cafezinho e entretenho-me com as minhas coisas". Vamos com ela molhar os pés e fica ali pasmada a olhar para o sargaço, que era o ganha-pão dela e que agora já ninguém quer para nada. Quando voltamos aos estendais ao lado do mercado, a roupa branca e os edredões cor-de-rosa já não estão a secar: houve alguém que os apanhou, provavelmente a nossa Maria da Graça. Deve andar por aqui de férias. Ou isso ou encontrou o lugar de onde nunca devia ter saído: aqui, nas Caxinas, é que ela está em casa.

